

APONTAMENTOS

Érico Sachs

"Agora se trata de concentrar todas as forças e todas as atenções no próximo passo, que pode parecer menos importante — e visto de certo ângulo realmente é - mas que, em compensação, na prática aproxima-se à solução do problema de descobrir as formas de passagem à revolução proletária e da sua abordagem". (Lênin, "O Esquerdismo...")

1. Tenho a impressão de que a expectativa de uma próxima "situação revolucionária" paira sobre a Organização e ameaça influir no seu comportamento tático. Alega-se a crescente radicalização do operariado para predizer, explícita ou implicitamente, o surgimento de uma situação, a curto ou médio prazo, em que a questão do poder se colocará para a classe. Infelizmente, essas previsões não se baseiam em análises e se contentam com afirmações originadas por desejos subjacentes. Representam um novo perigo para a Organização, que passou por uma luta prolongada a fim de livrar-se de conceitos subjetivistas e que tenta retomar o método materialista na análise da realidade das lutas de classe no país.

É claro que assistimos e continuaremos a assistir uma radicalização das massas operárias (e não só das operárias) que ainda não atingiu o seu auge. Seria precipitado, todavia, querer identificar qualquer fase de radicalização e de ascensão do movimento como situação revolucionária. Para dar um exemplo palpável nesse sentido basta citar o maio de 1968, na França. Naquele momento, 10 milhões de operários franceses estavam em greve, durante um mês aproximadamente. Apesar disso, não se podia falar de situação revolucionária na França. As lutas de classes têm seus auge e suas baixas, mas as situações revolucionárias não surgem em cada alta. Esta experiência tivemos de fazer, em escala internacional, de 1917 para cá.

O que compreendemos por "situação revolucionária"? Já discutimos bastante esse assunto e parece-me suficiente relembrar a conhecida definição de Lênin:

... para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como dantes e reclamem mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam nem viver nem governar como dantes. Somente quando as "camadas baixas" não querem o velho e as "camadas altas" não podem sustentá-lo à maneira antiga, somente nesta situação a revolução pode vencer.

2. Em segundo lugar, quero lembrar aos companheiros de um fato que temos de encarar sem rodeios. Se nós, hoje ou a curto prazo, tivéssemos de enfrentar uma situação revolucionária no Brasil, o proletariado não estaria em condições de aproveitá-la, no sentido de uma derrubada do sistema explorador. Situações revolucionárias, por si só, não fazem milagres. Para serem aproveitadas pressupõe-se a presença de fatores concretos - nível de consciência, de experiência e de organização de classe, vanguarda, aliados no campo, etc. Também neste caso têm bastantes precedentes históricos, mas só quero lembrar o exemplo recente de Portugal, onde em consequência do 25 de abril se criou uma situação revolucionária, que o proletariado não pôde explorar. A experiência mostra que, se os setores mencionados acima não se criarem antes do surgimento de uma situação revolucionária, esta passará e a classe dominante consolidará novamente o seu poder, pois nenhuma crise da sociedade é eterna.

Toda a nossa atividade política, todas as lutas parciais, em última instância, nós vemos sob o ângulo da preparação e do amadurecimento dos fatores que permitem o aproveitamento de uma situação revolucionária - mas não temos possibilidades de determinar quando ela surgirá. E nesse sentido não podemos concordar com os companheiros que afirmam que *"lutamos para que o proletariado transforme a crise atual numa crise revolucionária, numa crise de todo o Estado, numa crise da política burguesa e pequeno-burguesa, numa crise das relações sociais capitalistas neste país."*

Mais certo seria que lutamos para que o proletariado esteja preparado para enfrentar semelhante crise. Mas, produzida ela só poderá ser pela própria sociedade capitalista — ou

melhor, pelo seu não funcionamento, quando chega a um ponto morto. Por isso mesmo Lênin salientou que *"não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como dantes..."*

Se avaliarmos a atual situação do nosso proletariado, temos de vê-la nas devidas proporções. Poderia se afirmar que o nosso proletariado já tinha atingido a "consciência da impossibilidade de viver como dantes?" Lênin evidentemente não se refere aí à mera luta por melhores salários, mas a uma situação em que o proletariado tenha "chegado à conclusão" de que seus problemas não se solucionam mais dentro do quadro da sociedade capitalista e que trave agora uma luta consciente pelo socialismo. Seria uma precipitação querer supor isso no nosso caso.

Para nós, evidentemente, é um fator novo ver partes do proletariado brasileiro revelarem, espontaneamente e da força própria, uma combatividade tão acentuada. Mas, é preciso ver para que lutam agora e para que estarão em condições de lutar em futuro próximo. Os objetivos não passam ainda de melhorias econômicas e sociais imediatas e por enquanto são essas metas que terão de unificar e amadurecer a classe. Representam o primeiro e indispensável passo para criar solidariedade e consciência de classe e para formar a organização da classe. E esta situação de fato determina também os nossos próximos objetivos de luta. Determina o caminho, que temos de trilhar, independentemente se a situação revolucionária esteja mais perto ou mais distante.

"Formar a vanguarda proletária é a linha estratégica da Organização", disse igualmente os companheiros. Mas dito assim, isso só representa uma meia-verdade. A linha estratégica está na criação de uma classe operária independente. A formação da vanguarda está estreitamente ligada ao amadurecimento do proletariado e não pode ser vista unilateralmente, pois depende do comportamento da classe toda.

Seria extremamente útil, se os companheiros tentassem uma análise do nosso proletariado, global e regionalmente. Afinal, a classe já começou a se movimentar. Já se deve ter uma visão mais clara da sua capacidade e de suas formas de luta.

3. Qual é a situação do Brasil no presente momento? Sabemos que estamos passando por uma fase de cansaço da burguesia da ditadura indireta. A classe dominante pleiteia voz ativa nos assuntos políticos e econômicos. Embora não esteja homogênea nas suas atitudes, o denominador comum é a "redemocratização" do Estado, sob a condição de que os instrumentos do poder continuem intactos e sob o seu controle. A solução espanhola é o exemplo. E da mesma forma como naquele país, já há entre nós uma oposição pequeno-burguesa, que visa "social-democratizar" o país e com essa finalidade empenha-se para uma restrita mobilização popular, para exercer pressão.

A base desse descontentamento burguês se encontra na situação econômica. O "milagre" passou. A burguesia industrial e financeira encontra problemas crescentes. A classe média se ressentida da situação geral e a inflação a intranqüiliza da mesma maneira como nos anos de antes do golpe.

A própria burguesia sabe que o remédio do congelamento salarial não cura mais os males. A parte que se dedica ao mercado interno (e essa é a maior) sente a falta de capacidade aquisitiva. A fração exportadora conhece de primeira mão as presentes limitações do mercado mundial. As dificuldades econômicas se refletem igualmente no comportamento do Estado, o "capitalista coletivo". Mesmo em tempos de expansão das atividades econômicas, o Brasil não conseguiu ganhar suficientemente divisas no mercado externo para equilibrar a sua balança de pagamentos. Durante o "milagre" o déficit anual foi coberto, direta e indiretamente, por meio de créditos internacionais. Resultado é a dívida externa do Brasil, atualmente em torno de 50 bilhões de dólares. Para este ano, isso significa que o Brasil terá de pagar 6,2 bilhões em amortizações da dívida externa. Além disso, os juros anuais dos empréstimos se elevaram – conforme o "Latin American Economic Report", de Londres – a 12,5% e isso representa um mínimo de outros 5 bilhões, que vencerão no fim deste ano. Decorre daí que o Brasil gastará, esta vez, 80% da sua receita cambial em obrigações internacionais. É uma percentagem inédita, resultado do acúmulo de déficits anteriores pelo método de tapar buracos abrindo buracos maiores. As fontes financeiras internacionais já não escondem mais a sua preocupação com o estado das finanças públicas brasileiras. Para o

Governo, isso tem como consequência crescentes dificuldades na obtenção de novos créditos (a juros mais altos) e, entre outras, a preocupação constante de dar ao mundo a imagem de "Estado de Direito" e de estabilidade interna. Isso explica em parte a preocupação do Governo de evitar medidas de repressão ostensiva contra greves e manifestações de massa, que poderiam criar situações explosivas.

A atitude do Estado é contraditória e ela reflete as contradições inerentes à própria classe dominante. Essa contradição entre a necessidade de exportar e de aumentar constantemente as exportações e a não menos proeminente imposição de aumentar a capacidade aquisitiva do mercado interno, para assegurar o ritmo da acumulação e manter a estabilidade econômica e social. Para fomentar as exportações necessita-se de mão-de-obra barata, para assegurar a estabilidade interna tem-se de tolerar aumentos salariais.

O dilema da política econômica governamental fica patente frente ao problema do crescimento da inflação. A nossa burguesia não é, em princípio adversa à inflação. A desvalorização da moeda permitiu baixar constantemente os salários reais e assegurou lucros extraordinários. Mas, essas vantagens têm o seu limite. A inflação, quando escapa ao controle oficial — como nos anos anteriores ao golpe — começa dificultar o processo de acumulação, cria problemas sociais e se revela precursora de uma crise existente, que vai do surgimento dos "autênticos", como alternativa ao peleguismo tradicional, à formação de Oposições Sindicais e a criação de "Comissões". Mas, também aí temos de ver as coisas nas devidas proporções. O movimento ainda não teve o ímpeto para provocar o desmoronamento do sindicalismo oficial e o aparecimento de sindicatos livres, como foi o caso na Espanha, por exemplo, em situação semelhante. Outro problema é o das Comissões. Na grande maioria dos casos, não sobreviveram à fase de lutas agudas. Funcionaram, sobretudo como comandos de greve, sem se firmarem em caráter permanente. É de se supor, entretanto, que ressurgirão em todos os momentos de crise aguda. Isso já corresponde a certa experiência de determinadas camadas do proletariado.

Temos de ver, entretanto, que não é a classe toda, nem sequer a sua maioria, que passou pela primeira experiência de luta. Foram determinados setores de proletariado, principalmente no ABC paulista, que se movimentaram reiteradamente, antes de se alastrar para outros centros industriais do país. Hoje já atingiu Minas e, em parte o Rio Grande do Sul e Goiás. O Rio parece que está vencendo seu atraso, no que diz respeito ao movimento operário propriamente dito e o Nordeste ainda está em paz. Mas, apesar do desenvolvimento desigual, a situação da classe mudou de uma forma irreversível. Não só que o imobilismo de muitos anos foi vencido e que as barreiras que separaram o operariado dos agrupamentos políticos estão sendo eliminados. Mesmo nas regiões atrasadas, que ainda não se movimentaram, há discussões, tentativas de organização e está surgindo um potencial de luta, que não se limita mais aos setores tradicionais, como mostraram as greves dos operários da construção.

Apesar disso, o proletariado ainda não age como classe em escala nacional. Ainda não se criaram as necessárias formas de organização, como sindicatos livres — não esqueçamos que Engels chamou os sindicatos de "a escola de guerra da classe operária"— sem falar de organismos políticos. Apesar de toda a radicalização, que possa haver e que ainda haverá, (não devemos confundir simples radicalização com consciência de classe), o proletariado deu meramente os seus primeiros passos. Ainda estamos no início de um desenvolvimento, cujo futuro desenrolar depende agora em grande parte da atuação das vanguardas políticas existentes.

5. Evidentemente, lutamos pela formação de uma vanguarda revolucionária do proletariado, pela criação do partido marxista. Não pode ser este, entretanto, um objetivo a curto prazo. De imediato só podemos empenhar-nos pela criação de um partido de massa, que corresponda ao grau de consciência da massa operária e esta ainda não é revolucionária.

O problema da vanguarda, é óbvio, não se resume numa unificação ou fusão de agrupamentos políticos existentes, que não produziria mais do que um saco de gatos, um organismo cujas frações se paralisariam mutuamente. Qualquer união desses setores só poderia ser conseguida na ação prática, que se encarregaria de separar o joio do trigo. Tampouco, a questão se solucionaria mediante a tentativa de confrontar as divergências teóricas e práticas

através da criação de um partido socialista. Isso criaria a ilusão da existência de um partido de vanguarda, mas não passaria de uma formação centrista inconseqüente e incapaz de resolver os problemas vitais da luta de classes no país; uma vanguarda revolucionária do proletariado terá de ser conseqüentemente comunista (independentemente do uso do rótulo oficial) ou não será vanguarda. O recurso do "socialismo", em contraposição ao "comunismo", já é um indício da predominância pequeno-burguesa.

Temos de levar a luta pela vanguarda revolucionária em dois níveis. Sabendo que o surgimento da vanguarda política do proletariado pressupõe determinado grau de consciência e experiência de setores do operariado, pelo menos, temos de empenhar-nos inteiramente e sem restrições pela aceleração do processo da formação da classe - processo que consiste na conscientização da experiência de lutas parciais, isto é, na penetração do marxismo vivo na classe. A situação criada objetivamente no Brasil, os problemas que a classe dominante enfrenta, favorece essa atividade. Condição é que nos adaptemos ao ritmo do aguçamento da luta de classe e não nos adiantemos a ela; isso levaria a um isolamento.

O outro nível das atividades em torno da formação da vanguarda proletária se refere atualmente ao nosso papel. No presente momento, a contribuição mais importante para a formação da vanguarda consiste no fortalecimento da própria Organização. Como organismo político, não estamos à altura das tarefas que enfrentamos. Isso diz respeito ao nosso enraizamento na classe, à nossa composição orgânica. Para poder realizar as atividades que esboçamos e desempenhar um papel ativo na luta, precisamos de quadros operários, que exerçam lideranças locais (sem falar de regionais e nacionais) e que assegurem à Organização uma influência direta na classe. Temos de crescer, isto é evidente para qualquer militante, mas temos de crescer em determinada direção. Para o nível que a luta de classe já atingiu no país, a composição orgânica ideal para a Organização seria de 3 operários para 2 quadros originários da pequena burguesia (supondo que se trate de revolucionários e que não levem uma bagagem ideológica pequeno-burguesa para dentro da Organização). Isso deve ser uma meta a um prazo médio, pois sem esse enraizamento não poderemos contribuir satisfatoriamente para a penetração do marxismo na classe.

Certa confusão, parece-me, tem surgido com a caracterização da Organização como sendo de propaganda. Só quero salientar que esse termo não pretende mais do que delimitar as nossas forças físicas no presente momento. Deixaremos de ser uma Organização de propaganda na medida em que nós nos tornemos partido ou integremos o partido revolucionário, na medida em que lideremos de fato a classe ou pelo menos setores dela. Mas, certamente, não somos uma "sociedade" de propaganda, que se limita a divulgar e propagar idéias e conceitos. Como Organização temos de procurar intervir ativamente no desenrolar das coisas, na proporção das nossas forças, participar das lutas e tirar as conseqüências organizatórias, possíveis de tirar em cada fase da luta.

Certa insegurança notei também em torno do conceito do "estado-maior automeado". Quando usamos esse termo (que não deixa de ser paradoxo), nós nos referimos a uma situação determinada, dispúnhamos de instrumentos para dizer à Esquerda, em todo momento da luta, o que deveria fazer. Na véspera do golpe tivemos um jornal legal, semanário, que atingiu setores consideráveis. Depois do golpe, com o desbaratamento das organizações de massas, a nossa influência aumentou relativamente. Naquela fase, propagávamos o Comitê de Empresa, como forma básica de organização operária. O resultado se mostrou em 1967/68, quando outras organizações e grupos adotaram o nosso ponto de vista. Tínhamos conseguido um grau de influência que ultrapassou largamente a nossa presença física. Essa posição foi prejudicada, entre outras, pelas diversas fases voluntaristas e os zigue-zagues da linha política, pelas omissões na luta diária. Para consolidar novamente a nossa presença na vida política é indispensável que tenhamos o fôlego de seguir com persistência e continuidade a linha política, pela qual a Organização se definiu, sem recair nos erros do passado. O objetivo, hoje, não poderá ser reconquistar simplesmente a posição de "estado-maior auto-nomeado" e sim o de conquistar uma liderança reconhecida por setores do proletariado.

6. Ficamos aqui satisfeitos com a pronta adoção da plataforma de luta pela liberdade sindical. Esperamos que o assunto tenha sido discutido em todas as bases, para que os militantes tenham plena consciência de sua importância e do seu alcance. Só assim podemos esperar um

pleno empenho da Organização nesta frente. Em relação a isso, propomos:

- a) Lançar a palavra de ordem da "Greve Geral Nacional pelo Sindicato Livre e Autônomo". Trata-se evidentemente de uma palavra de ordem propagandística e os companheiros não devem cair na tentação de querer "organizar" a greve. Mas, decorrido certo tempo, isso depende da repercussão, pode se pensar, mediante uma frente, promover uma jornada nacional em prol da liberdade sindical (e da greve). Em todo caso seria um sucesso se todos os companheiros conseguirem que operários em greve incluam a palavra de ordem entre suas reivindicações.
- b) Em segundo lugar deve-se procurar ligar mais estreitamente possível a luta pela Liberdade Sindical às atividades em torno do PT e fazer que as forças aliadas destaquem mais o problema, que pela sua própria natureza ergue uma barreira contra o populismo (PTB). Isso agora é mais importante do que os debates programáticos. Achamos que os debates nas bases do PT deviam concentrar-se sobre uma plataforma de ação em vez de querer criar um programa teórico que facilmente descambará.

Insisto mais uma vez sobre a importância de criar uma tribuna e de levar um projeto de liberdade sindical para o Congresso Nacional. Entre os deputados, que se prestaram a integrar o PT, não haverá um, que se possa tornar porta-voz? Mesmo se não endossar todos os nossos pontos, bastaria que levantasse o problema.

Gostamos como os companheiros estão abordando a questão do jornal legal. Concordamos que isso, no momento, seria prematuro — levando em conta as forças e recursos atuais. Em todo caso podemos dispensar um jornal do tipo "Maria-vai-com-as-outras", como o "Companheiro", que muito se agita, mas pouco orienta. No fundo não passa de um jornal feito por estudantes para operários. Mais realista parece a solução de órgãos locais e regionais, que permitam levantar problemas de dentro das empresas e que permitam concentrar o trabalho. Importante seria instituir correspondência operária. Folhetos ainda permitem a reação mais rápida aos acontecimentos. A solução que devemos ter em mira, seria a saída legal ou tolerada do PO, mas para isso temos que ter a necessária paciência.

Gostamos muito, também, como o caso da Nicarágua foi apresentando e analisado na última edição do PO. Parabéns. A única coisa que destoou foram as palavras de ordem no pé do artigo. Em princípio achamos dispensável querer terminar todos os artigos com palavras de ordem improvisadas. Isso cria um certo desgaste. Em vez disto, seria preferível concentrar-se sobre palavras de ordem vitais e valorizá-las mais. Em segundo lugar não cabe a nós querer emitir palavras de ordem para movimentos de outros países. Teria sido mais justo manifestar a nossa solidariedade ao apelar para a nossa classe operária, para que a manifeste.

Ernesto Martins, 1979

(Escrito no exterior, em 1979. Incluído na coletânea "Andar com os Próprios Pés", Belo Horizonte, SEGRAC. 1994.)